

Sthefane Cristina de Lima Duarte¹
Karim Marini Thomé²

Short food supply chain: *estado da arte* *na academia brasileira*

Introdução

O desenvolvimento de “cadeias alimentares alternativas” tem atraído muita atenção nos últimos anos, com uma nova política alimentar que começa a preencher as lacunas deixadas pelas regulamentações dos governos e a crescente preocupação pública com a origem e a manipulação dos alimentos (MARSDEN, BANKS e BRISTOW, 2000). Assim, o início dos novos circuitos alimentares nas economias agrícolas globalizadas deve ser visto no contexto de uma série de mudanças fundamentais ao longo de diferentes elos das cadeias agroalimentares (RENTING, MARSDEN e BANKS, 2003). Ressalta-se que mudanças significativas ocorreram principalmente em alguns aspectos próprios das cadeias produtivas, quais sejam: o processo produtivo agroindustrial, o comportamento do consumidor e o uso da terra e mão de obra.

A modernização e a mecanização do sistema agroalimentar, agravadas pela intensificação do poder monopolista de grandes agroindústrias, produtores de larga escala e varejistas, que buscam controlar a maior parte dos prolongamentos das cadeias de abastecimento alimentar, geraram como principal consequência a crescente desconexão entre a agricultura e o alimento e, portanto, entre os agricultores/produtores e os consumidores finais (ILBERY e MAYE, 2005).

Corroborando com essa visão, Darolt (2013) afirma que o comércio massivo para grande distribuição culminou em um modelo de produ-

¹ Administradora e mestre em agronegócios pela Universidade de Brasília (UNB). E-mail: sthefanecl_duarte@hotmail.com.

² Mestrado em agronegócios, doutorado em administração e professor adjunto da Universidade de Brasília (UNB). E-mail: thome@unb.br.

ção-distribuição-consumo centralizado em cadeias produtivas longas, distanciando ainda mais produtores e consumidores. No entanto, de acordo com Renting, Marsden e Banks (2003), o sucesso da lógica desse modelo de modernização agrícola atrelada às pressões por rendimentos, isto é, às imposições por aumento de volume de produção total e melhora da eficiência técnica de produção, atingiu seus limites.

Portanto, o surgimento e o desenvolvimento das cadeias alternativas são decorrência da crise enfrentada pelo modelo tradicional de produção e consumo caracterizado pelas cadeias longas. Nesse contexto, em meados da década de 1990, observa-se uma análise crítica sem precedentes em torno da natureza e do desenvolvimento dos sistemas produtivos contemporâneos de fornecimento de alimentos, refletindo o aumento das preocupações da sociedade sobre as práticas agrícolas e agroindustriais nas dimensões de segurança e saúde ambiental e alimentar (ILBERY e MAYE, 2005). Assim, segundo Renting, Marsden e Banks (2003), a percepção dos consumidores passou por importantes mudanças em relação aos alimentos e à produção agrícola.

Tais mudanças são consequência do aumento da preocupação pública sobre questões relacionadas à ecologia, à saúde e ao bem-estar dos animais e, principalmente, da crescente desconfiança em relação à qualidade dos alimentos advindos da agricultura convencional (RENTING, MARSDEN e BANKS, 2003). A desconfiança do consumidor foi fortemente influenciada por diversos escândalos alimentares ocorridos a partir da década de 1970, como por exemplo, a salmonela em ovos e a encefalopatia espongiforme bovina (ILBERY e MAYE, 2005; RENTING, MARSDEN e BANKS, 2003).

Assim, considera-se que as Short Food Supply Chains (SFSCs) oferecem potencial para alterar a produção alimentar para fora de seu “modo industrial” e para desenvolver cadeias de abastecimento que podem, potencialmente, encurtar as cadeias industriais longas e complexas, nas quais proporção cada vez menor do valor agregado total na produção de alimentos é capturada pelos produtores primários (MARSDEN, BANKS e BRISTOW, 2000). Segundo Bava (2012), as cadeias longas de produção retiram do território em que operam a riqueza gerada pela produção e os recursos naturais, absorvendo muito pouco a mão de obra local, não se preocupando com questões relativas à degradação ambiental.

Nesse sentido, a reconfiguração das cadeias de abastecimento é um mecanismo subjacente à emergência de novas práticas de desenvolvimento rural, as SFSCs tornam-se, portanto, veículos importantes para a criação de novos vínculos entre a agricultura e a sociedade e

entre os produtores e os consumidores (RENTING, MARSDEN e BANKS, 2003). Além disso, as cadeias produtivas curtas levam os consumidores para mais perto das origens dos seus alimentos, e em alguns casos envolvem um contato direto entre o produtor e o consumidor final (RENTING, MARSDEN e BANKS, 2003), suplantando as preocupações do consumidor com relação às práticas produtivas que envolvem questões ambientais e de saúde e segurança alimentar.

É importante ressaltar que, como Bava (2012) afirma, a questão colocada não diz respeito à substituição das cadeias longas pelas cadeias curtas. Portanto, as estratégias devem ser de fortalecimento progressivo dos setores e das atividades da economia que permitem a integração de número cada vez maior de pessoas beneficiadas por “programas sociais, mas que precisam também desenvolver suas próprias capacidades de inserção social e produtiva a partir de suas iniciativas” (BAVA, 2012, p. 180).

A atenção especial dada à promoção de cadeias de abastecimento agroalimentares curtas não tem acontecido apenas na Europa e nos Estados Unidos, mas também na América Latina (ECLAC, FAO e IICA, 2015). No Brasil, já há sinais de aumento da comercialização em circuitos agroalimentares curtos, porém, como toda teoria emergente, não existe ainda uma homogeneização acadêmica a respeito dos circuitos curtos de comercialização. Contudo, os conceitos usados indicam proximidade entre produtor e consumidor (DAROLT, LAMINE e BRANDENBURG, 2013). Ainda, em estudo sobre as iniciativas brasileiras práticas de SFSC, Guzzatti, Sampaio e Turnes (2014) observaram o potencial dessa nova configuração da cadeia produtiva como estratégia dinamizadora para relações comerciais e de parcerias mais justas entre produtores e consumidores, podendo também contribuir para o desenvolvimento territorial.

Diante do crescimento e da dimensão estratégica das SFSC, faz-se necessário apontar a situação brasileira em relação ao avanço do conhecimento nessa área. Portanto, procura-se nesta pesquisa identificar na literatura brasileira o estado da arte das pesquisas sobre cadeias curtas de suprimento de alimentos (SFSC). Assim, o objetivo deste artigo é identificar quais têm sido as abordagens e os enfoques adotados nas investigações acerca do tema em publicações brasileiras.

Referencial teórico

Apesar de as dificuldades e as limitações do modelo agrícola convencional ou industrial se apresentarem desde a modernização intensiva na agricultura, só atualmente as crises social, econômica,

ambiental, alimentar e climática têm se mostrado como integrantes de um mesmo conjunto de problemas, e imposto a necessidade de uma mudança conjuntural (ABREU *et al.*, 2012). Além disso, verificou-se que o modelo de cadeia produtiva longa, atrelado a essa construção da modernização agrícola, não era mais capaz de explicar todas as formas de comercialização agroalimentar (CARRIERI-SOUZA *et al.*, 2014).

Niederle (2014) sintetiza essa reconfiguração (ainda incompleta) do modelo produtivo capitalista em termo de mercados alimentares em três processos correlacionados que são resposta às críticas éticas e estéticas que afetaram os modelos convencionais de produção e consumo.

O primeiro processo diz respeito ao surgimento e à propagação de mecanismos de certificação de alimentos principalmente em resposta às crises alimentares que provocaram desconfiças em relação aos sistemas industriais (NIEDERLE, 2014). O desenvolvimento acelerado dos “mercados de singularidades” caracteriza o segundo processo. Tal fase expressa uma política de revalorização de atributos estéticos própria das sociedades pós-modernas ou pós-industriais – alimentos artesanais, caseiros e *gourmet*, por exemplo (NIEDERLE, 2014). Por fim, de acordo com Niederle (2014), o terceiro processo se refere à aplicação de estratégias de diferenciação no próprio segmento de bens que antes era padronizados. Assim, algumas *commodities* agrícolas também se inseriram nessa nova dinâmica, como, por exemplo, café *gourmet* e arroz orgânico (NIEDERLE, 2014).

Assim, as cadeias produtivas curtas surgem como complemento às abordagens de cadeias longas. Elas ganharam maior atenção na medida em que se faz uma associação cada vez maior do “local” e do “natural” com o alimento saudável, decorrente da preocupação crescente do consumidor com a qualidade dos alimentos (MARSDEN, BANKS e BRISTOW, 2000).

Em suma, as cadeias curtas de abastecimento de alimentos, originalmente, foram associadas principalmente a uma demanda de proximidade social: consumidores queriam contato direto e relações de confiança com os produtores (ECLAC, FAO e IICA, 2015). Dessa forma, o interesse crescente em cadeias curtas de abastecimento de alimentos reflete também a demanda dos consumidores por qualidade e rastreabilidade, dada as alarmantes crises de saúde nos mercados de alimentos (RENTING, MARSDEN e BANKS, 2003). Além disso, Scarabelot e Schneider (2012) destacam que as SFSCs se apresentam como alternativa a dois relevantes problemas enfrentados pelos agricultores.

O primeiro desses problemas está relacionado ao aumento dos custos de produção, que torna os produtores dependentes do uso de insumos externos, dada a inserção desse agricultor em certa trajetória tecnológica. Tal fato conduz à situação reconhecida como “compressão de lucros”, isto é, a evolução dos custos de produção é mais rápida que os potenciais ganhos com aumento da produtividade decorrente da aplicação de inovação no processo produtivo e, como consequência, há uma supressão ou mesmo queda na renda dos produtores (SCARABELOT e SCHNEIDER, 2012).

Os intensos movimentos de mudança na sociedade em relação aos padrões alimentares – “virada da qualidade” – constituem o segundo problema para o qual as SFSC se destacam como alternativas (SCARABELOT e SCHNEIDER, 2012). A virada da qualidade é entendida como um movimento do “mundo industrial” – com suas práticas de qualidade fortemente padronizadas e a sua lógica de produção de *commodities* em massa – para o “mundo doméstico”, no qual os padrões de qualidade enraizados em confiança, tradição e regionalização apoiam produtos mais diferenciados, regionalizados e ecológicos, e formas de organização mais econômica (GOODMAN, 2003).

Conceitos, características e tipos de SFSCs

As SFSCs são sistemas agroalimentares alternativos que incluem diferentes formas de distribuição, caracterizadas principalmente por poucos (ou nenhum) intermediários entre consumidores e produtores, ou por curtas distâncias geográficas entre eles (DEVERRE e LAMINE, 2010). Nesse mesmo sentido, Scarabelot e Schneider (2012) conceituam as cadeias produtivas curtas como sistemas de comercialização de produtos agrícolas que buscam a aproximação entre produtores e consumidores, permitindo um maior vínculo entre esses atores por meio da interatividade na construção mútua de relações de confiança.

Ainda, Chaffote e Chiffolleau (2007) definem circuitos agroalimentares curtos como aqueles que indicam uma proximidade entre produtores e consumidores, caracterizando-se como circuitos de distribuição que envolvem até no máximo um mediador entre produtor e consumidor. Por fim, Marechal (2008 *apud* Darolt, 2013) traz em sua conceituação de circuitos curtos a questão da proximidade geográfica e da relação social de ligação entre produtor e consumidor, desenvolvimento local e territorialização (*embeddedness*) da alimentação.

Em suma, o conjunto desses conceitos dizem respeito a uma conexão direta entre produtores e consumidores que permite ressocializar e re-especializar o alimento a partir da esfera local ou da regional,

formando-se mercados emergentes que são *embeddedness*³ na tradição, origem, natureza ou modo de produção (MARSDEN, BANKS e BRISTOW, 2000).

Alguns aspectos marcantes diferenciam as cadeias produtivas longas das cadeias curtas. Assim, destacam-se como características intrínsecas das cadeias curtas o grau de reconhecimento do consumidor final sobre a origem e o sistema de produção e os aspectos como território, relações de confiança e credibilidade (MARSDEN, BANKS e BRISTOW, 2000). Tais aspectos não são objeto de análise nas cadeias produtivas longas, além disso, é válido ressaltar que cadeia curta não diz respeito à distância do local de produção até o local do varejo (CARRIERI-SOUZA *et al.*, 2014). Corroborando com essa visão, Schneider e Ferrari (2015) reforçam que as particularidades essenciais que diferenciam redes alimentares alternativas das cadeias convencionais são as questões referentes à diferenciação por qualidade, *embeddedness* e realocização.

Duas questões devem ser observadas nessas definições. Primeiro, com relação aos diferentes termos usados na definição da SFSC. Renting, Marsden e Banks (2003) preferem o uso do termo “curta” (*short*) como denominador comum para definir esse tipo de cadeia de suprimentos alimentar que tem emergido dentro do desenvolvimento rural em detrimento do uso de termos não específicos como cadeias “novas” ou “alternativas”.

Em segundo lugar, Marsden, Banks, Bristow (2000) alertam que a respeito das SFSCs a questão crítica não diz respeito simplesmente ao número de vezes que um produto é manipulado ou à distância ao longo da qual é transportado. O alerta desses autores corrobora a observação de Carrieri-Souza *et al.* (2014), mas diverge de alguns aspectos ressaltados nos conceitos de Deverre e Lamine (2010) e Chaffote e Chiffolleau (2007). Assim, a questão crítica posta por aqueles autores diz respeito ao fato de o produto chegar ao consumidor com informações. São estas que permitem ao consumidor fazer conexões de confiança e associações com o lugar/espaço de produção e, potencialmente, com os valores das pessoas envolvidas e os métodos de produção utilizados (MARSDEN, BANKS e BRISTOW, 2000).

³ Optou-se por utilizar o termo *embeddedness* originalmente criado por Karl Polanyi e posteriormente desenvolvido por Mark Granovetter, sem tradução em português. O termo *embeddedness* apresenta uma abordagem substantivista que diferencia-se da escolha/processo racional, evidenciando que atitudes, escolhas e processos estão intrinsecamente embrincados em um meio socialmente construído.

Percebe-se desse modo que a informação recebe maior ênfase que a quantidade de intermediários e a distância geográfica. Ela permite ao consumidor o reconhecimento da origem do produto, do modo de produção, da territorialização, da tradição do produto, da contribuição da produção para o desenvolvimento local. Independente da quantidade de vezes em que o produto é manipulado ou da distância geográfica entre o produtor e o consumidor, as informações que os produtos carregam permitem a aproximação entre estes dois atores.

Dados os conceitos e os aspectos característicos das SFSC aqui apresentados, observa-se certo consenso e tendência entre os autores. Dessa forma, o conceito de SFSC está fundamentalmente embasado na questão da aproximação entre produtor e consumidor. Esta proximidade parece ser, portanto, o aspecto principal da conceituação das SFSCs. Questões relacionadas à quantidade de intermediários, à distância geográfica, ao desenvolvimento local e ao *embeddedness* aparecem em segundo lugar, e de forma dispersa entre os conceitos.

No entanto, considerando-se que a questão geográfica aparece de forma acentuada dentre os estudiosos do tema, pode-se considerar duas correntes que partem do mesmo embasamento, ou seja, da aproximação entre produtor e consumidor. A primeira corrente enfatiza a informação como aspecto de ligação entre produtor e consumidor, permitindo a este o reconhecimento sobre a origem do produto e o modo de produção. A segunda corrente destaca que a SFSC é caracterizada por curtas distâncias geográficas e um reduzido número de intermediário que permite a aproximação do consumidor ao produtor e vice-versa.

Assim, as SFSCs são expressões de tentativas dos produtores e dos consumidores para combinar novos tipos de oferta e demanda, e buscam ainda redefinir a relação produtor-consumidor, deixando clara a origem do produto alimentar (MARSDEN, BANKS e BRISTOW, 2000). Destaca-se o papel de construção de valor e significado desempenhado por essa relação produtor-consumidor (MARSDEN, BANKS e BRISTOW, 2000; ILBERY e MAYE, 2005).

Como característica-chave das SFSCs está a sua capacidade de ressocializar ou re-espacializar alimentos, permitindo assim que o consumidor faça juízos de valor sobre a conveniência relativa de alimentos com base no seu próprio conhecimento, experiência ou aparência percebida (MARSDEN, BANKS e BRISTOW, 2000). Geralmente, tais alimentos são definidos tanto pela localidade como pela fazenda específica onde são produzidos, e podem servir para melhorar a imagem da fazenda e/ou da região como fonte de alimentos de qualidade (MARSDEN, BANKS e BRISTOW, 2000).

Marsden, Banks e Bristow (2000) definem três tipos de SFSCs:

1. Face a face: o consumidor compra o produto direto do produtor/processador em uma dinâmica face a face. A autenticidade e a confiança são mediadas através da interação pessoal. Uma variante desse tipo de SFSC tem acontecido por meio da internet, que agora também apresenta oportunidades para contato mediante negociação on-line e de páginas da web (MARSDEN, BANKS e BRISTOW, 2000).
2. Proximidade espacial: os produtos são produzidos e distribuídos na região específica (ou local) de produção, e os consumidores estão cientes da natureza 'local' do produto no ponto de venda (MARSDEN, BANKS e BRISTOW, 2000).
3. Espacialmente estendido: nesse tipo de cadeia curta, o valor e o significado carregados de informações sobre o local de produção e aqueles que produzem a comida são traduzidos para os consumidores que estão fora da região de produção em si, e que podem não ter nenhuma experiência pessoal naquela região (MARSDEN, BANKS e BRISTOW, 2000).

O Quadro 1 apresenta uma síntese dos diferentes mecanismos que podem ser usados para estender as SFSCs no tempo e no espaço de acordo com os três tipos de cadeias curtas mencionados.

Quadro 1 – Diferentes mecanismos para estender SFSCs no tempo e no espaço

Face a face	↔	Proximidade espacial	↔	Espacialmente estendida
Lojas de produtos da agropecuária		Grupos de loja de produtos da agropecuária		Etiquetas de certificação
Mercados de agricultores		Marcas regionais		Códigos de produção
Vendas de beira de estrada		Cooperativas de consumo		Efeitos de reputação
Escolha do próprio produto		Comunidades de apoio à agricultura		
Entregas em domicílio		Rotas temáticas (articulação no espaço)		
Encomenda postal		Eventos especiais, feiras (articulação no tempo)		
Comércio eletrônico (<i>e-commerce</i>)		Lojas, restaurantes, empresas turísticas		
		Varejistas dedicados		
		Cantinas de escolas e instituições		
		Vendas para emigrantes		

Fonte: Adaptado de Renting, Marsden e Banks (2003).

É interessante notar que, embora Marsden, Banks, Bristow (2000) não considerem como fator-chave característico das SFSCs a questão geográfica e a quantidade de intermediários, estes constructos aparecem subentendidos na classificação proposta para os tipos de SFSC. Assim, as cadeias do tipo face a face pressupõem distância geográficas menores (desconsiderando, em parte, as vendas *on-line*) e menor quantidade de intermediários. Por outro lado, o tipo espacialmente estendido indica a possibilidade de comercialização de produtos alimentares em distâncias geográficas maiores, o que, em muitos casos, pode exigir um maior número de intermediários, sendo a informação embutida neste produto essencial para garantir ao consumidor o conhecimento necessário para aproximá-lo do produtor.

Benefícios das SFSCs

Alguns benefícios das SFSCs devem ser considerados para fins de justificativa deste estudo. Para os produtores, as cadeias curtas são uma oportunidade atrativa para diversificação da produção, captura de maior valor agregado e garantia de rendas mais estáveis (ECLAC, FAO e IICA, 2015). Já para a comunidade local, essa modelagem de cadeias alimentares significa um meio para realocar as cadeias de valor com o objetivo de reter o valor adicionado na região/território de produção, criar empregos, capturar valor adicionado de ativos intangíveis, reforçar a capacidade de resistência dos seus territórios em situações de crise e ainda recuperar o valor de seus ativos, e tornar-se um importante vetor de crescimento e atração em seus territórios (ECLAC, FAO e IICA, 2015).

Para a questão ambiental, as SFSCs são um veículo importante para o “encurtamento” das relações entre produção de alimentos e regionalidade, aumentando assim o potencial de reencaixe da agricultura para modelos de produção mais ambientalmente sustentáveis (RENTING, MARSDEN e BANKS, 2003). Também, do ponto de vista de desenvolvimento rural sustentável, a re-espacialização gera oportunidades para as pequenas e médias empresas do setor alimentício reter o valor agregado na região, melhorar os benefícios dos empregos, reforçar a imagem regional e ajudar outras indústrias locais, por exemplo, o setor de turismo (ILBERY e MAYE, 2005).

No geral, as cadeias produtivas curtas permitem:

[...] melhor remuneração ao produtor, preços mais justos ao consumidor, aproveitamento da produção local, geração de empregos e dinamização da economia local. Além disso, comprar

em circuitos curtos reduz o impacto ambiental pela redução de embalagens (plásticas) e menor gasto energético com transporte, e permite que se obtenha um preço mais justo para a mercadoria (BRANDENBURG, LAMINE e DAROLT, 2013, p. 230).

Metodologia

Para atingir o objetivo deste artigo, isto é, determinar o estado da arte das pesquisas brasileiras sobre SFSC, foi utilizada a técnica de revisão da literatura. O objetivo dessa técnica é atualizar o leitor a respeito da literatura atual de um tema e formar as bases para outro objetivo, como a justificativa para pesquisas futuras na área (CRONIN, RYAN e COUGHLAN, 2008). Justifica-se a escolha dessa técnica pela possibilidade, dentre outras, de formar uma base sólida para o avanço do conhecimento e de descobrir áreas onde há necessidade de investigação (WEBSTER e WATSON, 2002).

Existem dois tipos de revisão da literatura: primeiro, avaliação completa da literatura sobre um tema maduro, onde há um conjunto acumulado de pesquisa que cabe analisar; segundo, revisão de tema emergente para exposição de potenciais fundamentos teóricos, nesse caso; por se tratar de tema despontante, a revisão da literatura será necessariamente mais curta (WEBSTER e WATSON, 2002). De acordo com o tema investigado nessa pesquisa, a proposta deste artigo condiz com o segundo tipo de revisão da literatura – tema emergente.

Em complemento, foi adotada a técnica de revisão sistemática da literatura. Essa técnica é caracterizada por uma abordagem mais rigorosa e bem definida para a revisão da literatura em uma área específica (CRONIN, RYAN e COUGHLAN, 2008). O propósito de uma revisão sistemática é fornecer uma lista a mais completa possível dos estudos publicados e não publicados relativos a áreas investigada, utilizando critérios explícitos e rigorosos para identificar, avaliar criticamente e sintetizar a literatura sobre o tema (CRONIN, RYAN e COUGHLAN, 2008).

Para conferir confiabilidade e validade à revisão, Cronin, Ryan e Coughlan (2008) afirmam que o revisor deve apresentar os critérios utilizados para (i) formular a pergunta de pesquisa; (ii) definir critérios de inclusão ou exclusão; (iii) selecionar e acessar a literatura; (iv) avaliar a qualidade da literatura incluída na avaliação; (v) analisar, sintetizar e divulgar os resultados. Dessa forma, a seguir são apresentados os critérios aplicados nesta pesquisa.

1. *Formulação da pergunta de pesquisa*: qual o estado da arte e quais as abordagens e enfoques das pesquisas acadêmicas brasileiras

sobre Short Food Supply Chain? Critérios para formulação da pergunta: atualidade do tema, relevância estratégica das SFSCs para os agronegócios e crescimento da prática no Brasil.

2. *Critérios de inclusão e exclusão*: os critérios incluem palavras-chave, publicações em bases científicas nacionais e artigos publicados em revistas classificadas pelo sistema Qualis-Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Trata-se de tema multidisciplinar, podendo estar localizado em periódicos de diversas áreas como ciências agrárias, ciências sociais aplicadas, sociologia, economia, saúde. A pesquisa foi realizada na base de dados do Google Acadêmico, uma vez que esta ferramenta possibilita uma pesquisa de grande amplitude, buscando resultados em diversas bases científicas. Além disso, a opção por esta ferramenta teve como objetivo obter o maior número de resultados possíveis para posteriormente serem refinados segundo os critérios de seleção. Não foi definido um período de publicação por se tratar de tema emergente e ainda com poucas publicações no Brasil.

Os seguintes termos – variações da tradução de SFSC encontradas na literatura – foram utilizados como palavras-chave para a pesquisa: *short food supply chain*; cadeia(s) curta(s) de abastecimento de alimentos; cadeia(s) curta(s) de suprimento de alimento(s); cadeia(s) curta(s) de comercialização de alimentos; cadeia(s) curta(s) de fornecimento de alimentos; cadeia(s) curta(s) de produção; cadeia(s) produtiva(s) curta(s); cadeia(s) agroalimentar(es) curta(s); circuito(s) curto(s) de comercialização de alimentos. Artigos e artigos-resumo de publicações de congressos e eventos foram excluídos, bem como artigos de revistas sem classificação Qualis-Periódicos. Assim, apenas artigos completos, publicados em periódicos nacionais e reconhecidos pelo Qualis-Periódicos foram incluídos.

3. *Seleção e acesso da literatura*: os resultados gerais da busca retornaram 48 artigos. Segundo os critérios de inclusão e exclusão mencionados no tópico anterior, 18 artigos foram excluídos da população, pois são artigos referentes a congressos e eventos, ou não classificados pelo sistema Capes. Desse modo, 30 artigos com diversas abordagens do tema SFSC formaram o total inicial para posterior análise de inclusão ou não na amostra, abrangendo o período de 2008-2015.
4. *Avaliação da qualidade da literatura*: os 30 artigos foram identificados segundo a classificação proposta pelo Qualis-Periódicos.

Tal classificação diz respeito a um conjunto de procedimentos que avalia a qualidade de artigos e outras produções, por meio do exame da qualidade dos periódicos científicos (CAPES, 2014). Esses veículos de divulgação são classificados em estratos de qualidade – A1 – maior peso; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C – peso zero (CAPES, 2014). A pesquisa não retornou artigos de estrato A1. Deste modo, os 30 artigos encontram-se classificados entre B1-B5. Para embasar esta pesquisa em fundamentos sólidos de qualidade, apenas os artigos de estrato B1-B3 foram selecionados (17 artigos).

Após essa classificação inicial, foi realizada uma análise do Resumo (*Abstract*), da introdução e do foco do referencial teórico dos artigos, de tal forma que foram reagrupados em relação ao foco de suas pesquisas e de acordo com o tema desta revisão da literatura. Portanto, três grupos de artigos foram formados: aqueles que focavam diretamente a SFSC, outros que abordavam o tema de forma indireta e outros que mencionavam a SFSC de forma geral. Os critérios usados para tal classificação, além da verificação das palavras-chave do próprio artigo, foram: *enfoque direto* – a pesquisa é desenvolvida com base na análise da SFSC como tema central; *enfoque indireto* – a SFSC é mencionada no texto como mais um componente relacionado ao tema central do estudo; *enfoque geral* – a SFSC é tratada como um componente importante do contexto que envolve o tema central.

5. *Análise, síntese e disseminação dos resultados*: por fim, foram selecionados para compor a amostra de análise os artigos classificados entre B1-B3 que focavam diretamente a SFSC, resultando em sete artigos analisados detalhadamente. O Quadro 2, na seção seguinte, apresenta a sínteses dessas classificações e agrupamentos para os artigos B1-B3. Essa etapa culminou na seção seguinte de apresentação dos resultados. Nessa seção, pode-se observar a identificação dos principais enfoques e abordagens dados ao tema, bem como sua relação com a literatura de SFSC apresentada no referencial teórico. Ainda, diferenças e complementariedades no uso dos conceitos do tema compõe essa análise dos trabalhos brasileiros.

Resultados – Estado da arte sobre SFSC em publicações brasileiras

Apresentam-se nessa seção os resultados da análise dos artigos selecionados de acordo com os critérios apresentados na seção anterior.

Assim, observam-se quais tem sido os principais enfoques da pesquisa brasileira sobre SFSC, a abrangência (local de estudo) e os tipos de pesquisa desenvolvidos. Primeiramente, o Quadro 2 evidencia a síntese da classificação inicial feita dos artigos estratificados entre B1-B3 para compor a seleção de artigos da revisão da literatura.

Quadro 2 – Classificação dos artigos de estrato de qualidade B1-B3 quanto ao enfoque

Título	Ano	Autor (es)	Enfoque
Qualidade dos alimentos, escalas de produção e valorização de produtos tradicionais	2010	Cruz, Fabiana T. da. e Schneider, Sérgio	
Subsídios para a construção de um programa público de apoio à feira livre no vale do São Francisco (MG)	2011	Silvestre, Luiz H. A., Ribeiro, Eduardo M. e Freitas, Camila da S.	
As cadeias agroalimentares curtas e desenvolvimento local – um estudo de caso no município de Nova Veneza (SC)	2012	Scarabelot, Maristela e Schneider, Sérgio	
Institucionalização do movimento ecológico na agricultura: mercado e reorganização dos atores sociais	2013	Brandenburg, Alfio, Lamine, Claire e Darolt, Moacir R.	Direto
Cadeias produtivas do carvão vegetal na agricultura familiar no sul do Brasil	2014	Carrieri-Souza, Marina, Fantini, Alfredo C., Uller-Gómez, Cintia e Dorow, Reney	
Novas relações entre agricultores familiares e consumidores: perspectivas recentes no Brasil e na França.	2014	Guzzatti, Thaise C., Sampaio, Carlos A. C. e Turnes, Valério A.	
Cadeias curtas, cooperação e produtos de qualidade na agricultura familiar – o processo de re-localização da produção agroalimentar em Santa Catarina	2015	Schneider, Sérgio e Ferrari, Dilvan L.	
Alimentação escolar e agricultura familiar: reconectando o consumo à produção	2010	Triches, Rozane M. e Schneider, Sérgio	
Produção e consumo de alimentos: o papel das políticas públicas na relação entre o plantar e o comer	2012	Bezerra, Islandia e Schneider, Sérgio	
Políticas alimentares: interações entre saúde, consumo e produção de alimentos	2014	Triches, Rozane M., Gerhardt, Tatiana E. e Schneider, Sérgio	Geral
Experiências de comercialização agroextrativista dos agricultores familiares do Rio dos Cochos, Januária/ Córrego Marinho (MG)	2013	Freitas, Camila da S. e Ribeiro, Eduardo M.	
As experiências familiares de agroindustrialização: uma estratégia de produção de novidades e de valor agregado	2011	Gazolla, Márcio e Pelegrini, Gelson	
Relações entre agricultura orgânica e agroecologia: desafios atuais em torno dos princípios da agroecologia	2012	Abreu, Lucimar S., Bellon, Stéphanie, Brandenburg, Alfio, Ollivier, Guillaume, Lamine, Claire, Darolt, Moacir R. e Aventurier, Pascal	
Políticas de valor nos mercados alimentares: movimentos sociais econômicos e a reconstrução das trajetórias sociais dos alimentos agroecológicos	2014	Niederle, Paulo A.	Indireto
Sistemas de produção de base ecológica: realocação e reativação do espaço rural no litoral norte do Rio Grande do Sul	2008	Garcez, D. e Mielitz Netto, Carlos G. A.	
Avaliação da gestão da qualidade em produtoras rurais de alimentos orgânicos: alinhamento entre processo e consumidor	2014	Anacleto, Cristiane A., Paladini, Edson P. e Campos, Lucila M. S.	
Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no Estado de São Paulo	2014	Moruzzi Marques, Paulo E., Le Moal, Marcos F. Andrade e Ana G. F. de	

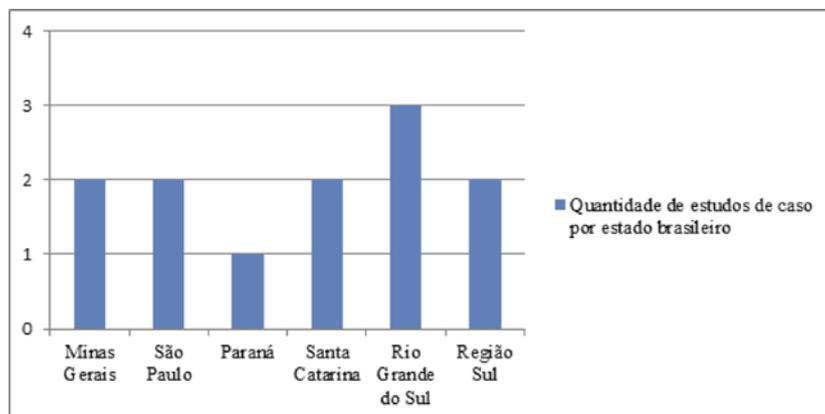
Fonte: Elaborado pelos autores.

Observa-se que a maioria dos estudos se enquadra em um enfoque direto (7) ou indireto (6) das cadeias de abastecimento curtas. De maneira geral, a maioria dos artigos de enfoque geral e indireto faz um estudo a respeito de políticas públicas alimentares que envolvem a agricultura familiar e cadeias curtas de fornecimento de alimentos.

Destaca-se que um autor específico – Schneider – aparece em 35% das publicações (enfoque geral e direto), sendo o único autor com tamanha expressividade nos estudos da amostra geral. Outros autores que se repetem dentre as publicações são Darolt e Lamine, coautores dos trabalhos “Institucionalização do movimento ecológico na agricultura: mercado e reorganização dos atores sociais” (2013) e “Relações entre agricultura orgânica e agroecologia: desafios atuais em torno dos princípios da agroecologia” (2012). Freitas e Ribeiro também são autores de dois outros estudos: “Subsídios para a construção de um programa público de apoio à feira livre no vale do São Francisco, MG” (2011) e “Experiências de comercialização agroextrativista dos agricultores familiares do Rio dos Cochos, Januária/Cônego Marinho – MG” (2013).

A maioria (12) desses trabalhos são estudos de caso, além disso, tais estudos estão concentrados em pesquisas nos estados da região Sul do Brasil, esses dados são resultado da etapa 4 (avaliação da qualidade da literatura) descrita na metodologia. Podem-se observar tais informações no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Quantidade de estudos de caso por estado brasileiro

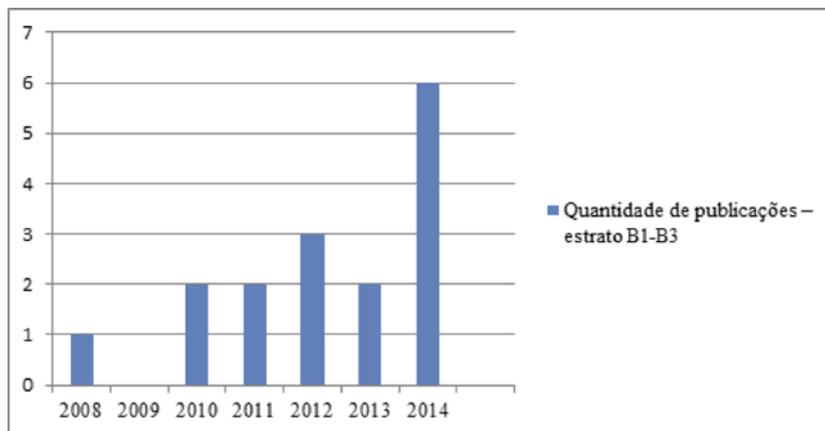


Fonte: Elaborado pelos autores.

Considerando todos os estudos referentes a estados do Sul do país, estes somam mais de 65% do total de estudos de caso, sendo que os demais se concentram em apenas dois outros estados (Minas Gerais e São Paulo). Dos estudos de caso referentes aos estados do Sul brasileiro (8), cinco estudos têm como coautor o professor e pesquisador em sociologia e desenvolvimento rural Sérgio Schneider. Assim, por se tratar de trabalhos caracterizados como estudos de caso e por se limitarem às características de uma única região do país, conclui-se que os estudos sobre cadeias agroalimentares curtas são marcados por tendência sociológica da visão de um autor central. Além disso, os únicos dois estudos do estado de Minas Gerais também têm os mesmos autores (Ribeiro e Freitas).

Outro fato interessante a ser observado é o período das publicações. A partir desse dado é possível concluir que a temática das SFSCs é recente nas produções acadêmicas, sendo que o primeiro estudo da amostra foi publicado em 2008. O Gráfico 2 apresenta a evolução dessas publicações até a data desta revisão da literatura (junho de 2015).

Gráfico 2 – Quantidade de publicações – estrato B1-B3



Fonte: Elaborado pelos autores.

O Gráfico 2 indica a evolução das publicações brasileiras de maior qualidade (critério Qualis-Periódicos) sobre o tema SFSC, incluindo os estudos de enfoque direto, geral e indireto. É possível identificar um aumento crescente das publicações, com destaque para o último ano (2014), com seis publicações. Em um período de dois anos (2012-2014) o número de artigos dobrou. Esse cenário indica que há no Brasil

um interesse recente e crescente sobre os modelos alternativos de produção agropecuários, com destaque para as SFSCs. Na amostra há um único artigo de publicação em 2015, que não foi inserido no gráfico por se tratar do ano corrente desta revisão de literatura, portanto, não há como verificar a representatividade deste estudo dentre todas as publicações que acontecerão neste ano.

Análise dos estudos com enfoque direto

Inicialmente, é interessante notar que todos os estudos da amostra (7) apontam, com maior ou menor ênfase, para o surgimento, a decisão ou a necessidade de adoção de modelos de SFSC devido à crise do modelo agroindustrial convencional de produção, os casos de contaminação de alimentos, a preocupação dos consumidores com aspectos relativos a qualidade, segurança alimentar e origem dos produtos (modos de produção). Tal fato corrobora os fatores destacados na literatura sobre o tema como indutores do surgimento e formação de modelos alternativos de produção uma vez reconhecidos os limites e prejuízos atrelados às cadeias produtivas convencionais ou longas.

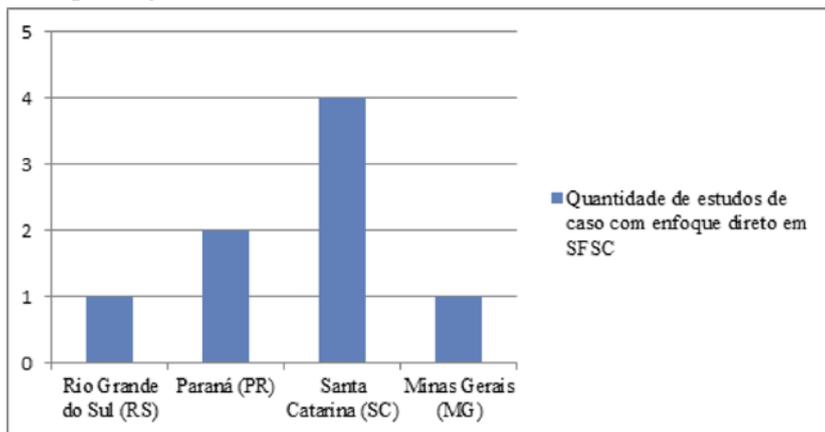
Os pressupostos desses estudos permeiam diversas áreas do conhecimento. As áreas identificadas como mais recorrentes nos estudos são: a *economia* – inserção das cadeias produtivas curtas nos mercados, postura do produtor como tomador de preços ou formulador de preços, formação de preços, retenção do capital; *sociologia* – diversidade dos espaços rurais (sociologia rural), escolhas alimentares determinadas por fatores como identidade e classe social, nova sociologia econômica (NSE), influência das interações sociais na composição de mercados para as SFSCs; *geografia econômica* – a localização das cadeias curtas, distribuição e organização espacial das SFSCs; a atividade econômica no uso da terra.

Portanto, o estudo das SFSCs é um tema interdisciplinar, uma vez que os estudos não se prendem a uma única disciplina. Há uma abordagem sistêmica integrando teorias de diferentes disciplinas para compreender esse fenômeno emergente no Brasil.

O período e a frequência das publicações, no âmbito de estudos com enfoque direto, estão dispersos. Entre 2010 e 2013, houve uma publicação por ano. No ano de 2014, houve duas publicações. Até a data desta pesquisa – junho de 2015 –, houve uma publicação com enfoque direto na SFSC no primeiro trimestre do ano. Quanto às revistas de publicação desses artigos, há uma dispersão parcial. Três artigos foram publicados na revista *Organizações Rurais & Agroindustriais*. Os demais artigos (4) foram publicados em diferentes revistas.

Dois estudos da amostra apresentam abordagem teórica, os demais (5) são estudos de caso decorrentes de pesquisa qualitativa (3) e qualitativo-quantitativa (3). Em conformidade com o observado na amostra geral, quatro dentre os cinco estudos de caso foram realizados em regiões dos estados do Sul do Brasil, sendo que regiões de Santa Catarina aparecem em todos os quatro. O Gráfico 3 apresenta a frequência com que os estados brasileiros são abordados nos estudos de caso da amostra.

Gráfico 3 – Quantidade de estudos de caso com enfoque direto em SFSC por região



Fonte: Elaborado pelos autores.

Dentre esses estudos de caso dos artigos de enfoque direto estão os autores citados anteriormente como mais frequentes nos estudos de cadeias produtivas curtas. Assim, com relação aos autores e aos dados do Gráfico 3, depreende-se que os estudos emergente das SFSCs, no Brasil, têm destaque nos estados Sul do país. Os estudos teóricos mencionam como exemplo, no decorrer de suas análises, casos da região Sul do país também. Essa situação reforça as tendências outrora mencionadas com relação aos estudos de SFSC no Brasil. Uma vez que tanto os estudos mais gerais e menos específicos sobre cadeias curtas quanto os trabalhos centrados nesse modelo produtivo se concentram em casos específicos construídos sobre as especificidades de uma única região do país, não se podem generalizar os resultados, conceitos e constructos para os demais estados.

O fundamento teórico usado nos artigos para caracterizar as SFSC está, em sua maioria, em quatro dos sete artigos, centrados nos concei-

tos de Marsden e colaboradores (1999, 2000, 2003, 2004, 2005 e 2006). Assim, é possível concluir que esses são autores-chave no processo de construção do conhecimento a respeito das cadeias produtivas curtas. É válido destacar que o estudo “Institucionalização do movimento ecológico na agricultura: mercado e reorganização dos atores sociais” (BRANDENBURG, LAMINE e DAROLT, 2013) utiliza como fundamento o conceito e classificação de cadeias curtas definidas por Chaffotte e Chiffolleau (2007). Também o trabalho teórico “Novas relações entre agricultores familiares e consumidores: perspectivas recentes no Brasil e na França” (GUZZATTI, SAMPAIO e TURNES, 2014) se fundamenta em Chiffolleau (2012).

Identifica-se, nesse ponto, uma perspectiva diferente com relação à classificação das cadeias curtas (face a face, proximidade espacial, espacialmente estendido) estabelecida por Renting, Marsden e Banks (2003). Chaffotte e Chiffolleau (2007) e Chiffolleau (2012) *apud* Guzzatti, Sampaio e Turnes (2014) classificam os circuitos curtos de comercialização de alimentos em dois tipos: venda direta e venda indireta. A cadeia curta de venda direta tem o mesmo pressuposto do tipo face a face, e aqui estão incluídas apenas as entregas diretas do produtor ao consumidor. Já a circuito de venda indireta se aproxima do tipo de cadeia de proximidade espacial; nessa classificação considera-se a possibilidade de um único intermediário. Assim, esses autores não consideram em sua classificação das SFSCs relações com consumidores que estão fora da região de produção (tipo espacialmente estendido).

Abordagens dos estudos com enfoque direto

Dentre os estudos de enfoque direto podem-se identificar quatro categorias de abordagem distintas. O Quadro 3 apresenta a quantidade de estudos por abordagem.

Quadro 3 – Categorias e quantidade das abordagens dos estudos da amostra

Categoria	Quantidade
Cadeia produtiva	2
Cadeia produtiva e território	2
Qualidade	2
Institucionalização	1

Fonte: Elaborado pelos autores.

As categorias definidas para agrupar os artigos selecionados não limitam as perspectivas avaliadas e estudadas em cada um desses grupos. Pelo contrário, a classificação em abordagens procurou identificar os principais aspectos que têm sido focados e, portanto, que estão direcionando os estudos brasileiros sobre SFSC. Assim, por exemplo, a categoria “Qualidade” apresenta as cadeias curtas sendo direcionadas principalmente por requisitos de qualidade por parte dos consumidores. Igualmente, as categorias “Cadeia produtiva” e “Cadeia produtiva e território” focam a estruturação das SFSCs sem deixar de abordar aspectos de qualidade que são próprios do surgimento e desenvolvimento das cadeias curtas.

Os artigos da categoria “Cadeia produtiva” merecem destaque, uma vez que suas abordagens centradas essencialmente na cadeia produtiva curta possibilitam uma maior compreensão da estrutura e do aspecto inerentes a SFSC. Além disso, revelam na prática aspectos teóricos característicos das SFSCs. Portanto, optou-se por avaliar com ainda maior profundidade estes artigos.

Categoria “Cadeia produtiva”

Os estudos dessa categoria são classificados quanto à metodologia como qualitativos-quantitativos. Ambos são estudos de caso. Carrieri-Souza *et al.* (2014) realizam um estudo de três casos representativos no Sul do Brasil, nos seguintes municípios: Biguaçu (SC), Santa Rosa de Lima (SC) e Bituruna (PR). Enquanto Silvestre, Ribeiro e Freitas (2011) analisam a feira livre no município de São Francisco (MG), caracterizada como um mercado em estruturação.

O primeiro estudo utilizou como ferramenta para coleta de dados a observação direta nas comunidades, questionários, entrevistas e conversas informais com atores de todos os elos das cadeias de produção e com técnicos de órgãos ambientais e de extensão rural (CARRIERI-SOUZA *et al.*, 2014). Questionários semiestruturados e observação não participante foram as técnicas de coleta de dados usadas no segundo artigo. O Quadro 4 apresenta outros detalhes desses estudos.

A temática dos trabalhos de Carrieri-Souza *et al.* (2014) e Silvestre, Ribeiro e Freitas (2011) é fundamentada na análise das cadeias produtivas curtas. Porém, os estudos tratam o tema sob diferentes focos de abordagem. Ainda assim, a análise dos autores é complementar em diversos aspectos. Carrieri-Souza *et al.* (2014) analisam, classificam e modelam as cadeias produtivas curtas de carvão vegetal nos três tipos propostos (ver Quadro 1). Por outro lado, Silvestre, Ribeiro e Freitas

(2011) fazem uma análise de apenas um dos tipos de cadeias curtas, as feiras livres – proximidade espacial.

Quadro 4 – Caracterização da categoria de abordagem “Cadeia produtiva”

Título	Autor (es)	Palavras-chave	Objetivo
Cadeias produtivas do carvão vegetal na agricultura familiar no Sul do Brasil	Carrieri-Souza, M., Fantini, A. C., Uller-Gómez, C. e Dorow, R.	Agroenergia; comercialização; carvão vegetal; cadeias produtivas; agricultura familiar	Compreender as condições de produção do carvão vegetal na agricultura familiar e como este produto chega ao consumidor final, tendo como base o conceito de cadeias produtivas
Subsídios para a construção de um programa público de apoio à feira livre no vale do São Francisco (MG)	Silvestre, L. H. A., Ribeiro, E. M. e Freitas, C. da S.	Produção; comercialização; agricultura familiar; São Francisco	Dimensionar e caracterizar o impacto da feira livre do município de São Francisco, norte de MG, sobre o abastecimento urbano, geração de renda e promoção da segurança alimentar

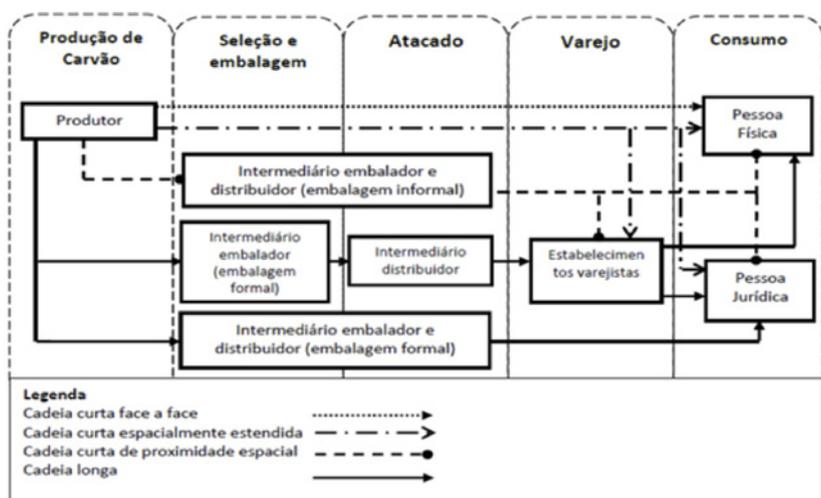
Fonte: Elaborado pelos autores.

É interessante notar que, embora o trabalho de Silvestre, Ribeiro e Freitas (2011) não faça qualquer menção aos conceitos e pesquisas de Marsden e colaboradores, a fundamentação e os resultados de seu estudo corroboram os conceitos de SFSC assinalados por Marsden, Banks e Bristow (2000) e Renting, Marsden e Banks (2003). Dentre os resultados que confirmam a teoria, pode-se citar que as principais justificativas apontadas pelos consumidores para comprar sempre dos mesmos feirantes são: avaliação da qualidade do produto; conhecimento do vendedor; conhecimento da origem do produto. Ainda todas as justificativas abarcam, direta ou indiretamente, o fato de conhecer o feirante, que na maioria dos casos é o próprio produtor, e seus métodos de produção (SILVESTRE, RIBEIRO e FREITAS, 2011), revelando a aproximação produtor-consumidor anunciada pela conceituação de SFSC.

O trabalho de Carrieri-Souza *et al.* (2014) apresenta como resultado uma modelagem agregando a análise desses autores sobre as cadeias produtivas longas e curtas de carvão vegetal no Sul do Brasil. Tal modelagem é exibida na Figura 1.

A importância de se destacar esse modelo (Figura 1) está em poder visualizar e, assim, compreender melhor as interfaces das cadeias curtas face a face, de proximidade espacial e espacialmente estendida. Além disso, a modelagem demonstra o distanciamento do consumidor ao produtor nas cadeias produtivas longas. A Figura 1 permite verificar, portanto, os vários “nós” que distanciam o consumidor final da origem do produto no caso das cadeias longas, e as diferentes formas de aproximar o consumidor do produtor dados os diferentes tipos de SFSCs.

Figura 1 – Tipos de cadeias produtivas do carvão vegetal produzido nos municípios de Biguaçu, Bituruna e Santa Rosa de Lima



Fonte: Carrieri-Souza *et al.* (2014, p. 104).

Considerações finais

As práticas de SFSCs no Brasil são recentes e, portanto, os estudos na área são poucos e muito dispersos em termos de ano de publicação e foco das abordagens. No entanto, há uma forte concentração de estudos nas regiões do Sul do país e em termos de autores, demonstrando que os estudos nesse campo surgem no país já com uma tendência de análise ligada a teorias sociológicas. Trata-se de um campo de estudo interdisciplinar que pode em muito contribuir para o desenvolvimento da agricultura familiar brasileira desde que outros estudiosos de diferentes correntes teóricas comecem a pesqui-

sar as cadeias curtas, e que estes não se restrinjam às peculiaridades de uma única região do país. Há, desse modo, necessidade de novas pesquisas, mais abrangentes – diferentes estados e regiões brasileiras – e de diferentes autores que agreguem ao campo de estudo perspectivas de análise diversas que possam corroborar ou refutar as características das SFSC identificadas na literatura nacional e internacional. Com essas novas perspectivas seria possível uma construção mais sólida e ampla dos conceitos e pressupostos das cadeias agroalimentares curtas no Brasil.

O potencial estratégico das SFSCs decorre das vantagens proporcionadas para diversos atores e sistemas envolvidos nesse modelo. Percebe-se que estudos brasileiros frisam que, do ponto de vista do produtor, as cadeias curtas permitem que maior parte do valor agregado na produção seja retido, aumentando a renda do produtor e abrindo maior espaço para sua inserção no mercado. Já para o consumidor, a SFSC significa maior confiabilidade em relação a diversos atributos de qualidade do produto. Por meio da aproximação com o produtor, o consumidor tem acesso a informações de origem do produto, modo de produção e segurança alimentar. Sob a perspectiva da comunidade, a SFSC tem um papel de promover o desenvolvimento socioeconômico por meio da geração de empregos e da maior retenção e circulação do capital da região produtora. Por fim, os estudos pesquisados sinalizam que as cadeias agroalimentares curtas, em geral, estão ligadas a modos de produção mais ambientalmente corretos, como a agroecologia, por exemplo.

Como contribuição, este estudo permite compreender o panorama geral dos estudos sobre SFSC no Brasil, como e onde estão estruturadas as cadeias curtas estudadas no país. Quais as principais correntes teóricas estão estudando também as cadeias de abastecimento curtas. E aponta que grande parte desta prática tem estado de acordo com as características definidas na teoria sobre o tema. Ainda se verifica que essa é uma área de estudos recente, porém em expansão. No entanto, há necessidade de mais e melhores estudos sobre o tema em questão, dada a quantidade e qualidade dos artigos selecionados pelo critério Qualis-Periódicos. É preciso maiores esforços no sentido de disseminar o conhecimento e impulsionar a adoção de cadeias produtivas curtas, dado seu potencial estratégico. Nesse sentido, espera-se com este estudo fomentar a discussão a respeito das cadeias agroalimentares curtas no país.

Sugere-se que pesquisas futuras sejam realizadas analisando as publicações brasileiras que avaliam as SFSCs de maneira geral e in-

direta, sendo esta uma das limitações do presente estudo. Também novas pesquisas podem ser realizadas usando como palavras-chave os termos “cadeias/circuitos de proximidade”, “circuito local” e “cadeias diretas”, dada a diversidade de termos adotados no Brasil para definir as SFSCs.

Referências bibliográficas

- ABREU, L. S. *et al.* Relações entre agricultura orgânica e agroecologia: desafios atuais em torno dos princípios da agroecologia. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 26, p. 143-160, 2012.
- ANACLETO, C. A., PALADINI, E. P. e CAMPOS, L. M. S. Avaliação da gestão da qualidade em produtoras rurais de alimentos orgânicos: alinhamento entre processo e consumidor. *Revista Alcance – Eletrônica*, v. 21, n. 3, p. 500-517, 2014.
- BEZERRA, I. e SCHNEIDER, S. Produção e consumo de alimentos: o papel das políticas na relação entre o plantar e o comer. *Faz Ciência*, v. 15, n. 20, p. 35-61, 2012.
- BRANDENBURG, A., LAMINE, C. e DAROLT, M. Institucionalização do movimento ecológico na agricultura: mercado e reorganização dos atores sociais. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 21, n. 2, p. 221-247, 2013.
- Capes. Classificação da produção intelectual. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/classificacao-da-producao-intelectual>, acesso em 16 jun. 2015.
- CARRIERI-SOUZA, M. FANTINI, A. C., ULLER-GÓMEZ, C. e DOROW, R. Cadeias produtivas do carvão vegetal na agricultura familiar no Sul do Brasil. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 31, p. 97-110, 2014.
- CHAFFOTTE, L. e CHIFFOLEAU, Y. Vente directe et circuits courts: évaluations, définitions et typologie. *Les Cahiers de l’Observatoire CROC*, INRA, Montpellier, n. 1, p. 1-8, 2007.
- CRONIN, P., RYAN, F. e COUGHLAN, M. Undertaking a literature review: a step-by-step approach. *British Journal of Nursing*, v. 17, n. 1, p. 38-43, 2008.
- CRUZ, F. T. DA e SCHNEIDER, S. Qualidade dos alimentos, escalas de produção e valorização de produtos tradicionais. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 5, n. 2, p. 22-38, 2010.

- DAROLT, M. R. Circuitos custos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores. In: NIEDERLE, P. A., ALMEIDA, L. DE e VEZZANI, F. M. (orgs.). *Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura*. Curitiba, Kairós, 2013, p. 139-170.
- DEVERRE, C. e LAMINE, C.. Les systèmes agroalimentaires alternatifs. Une revue de travaux anglophones en sciences sociales. *Économie Rurale. Agricultures, Alimentations, Territoires*, n. 317, p. 57-73, 2010.
- DAROLT, M. R., LAMINE, C. e BRANDENBURG, A. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. *Experiências em Agroecologia*, v. 10, n. 2, p. 8-13, 2013.
- Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC); Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO); Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA). Short food supply chain as an alternative for promoting family agriculture. *Bulletin*, 2, 2015. Disponível em: <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/37745/S1500087_en.pdf?sequence=1>.
- FREITAS, C. DA S. e RIBEIRO, E. M. Experiências de comercialização agroextrativista dos agricultores familiares do Rio dos Cochos, Janaúria/Cônego Marinho – MG. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, v. 15, n. 3, p. 411-424, 2013.
- GARCEZ, D. e MIELITZ NETTO, C. G. A. Sistemas de produção de base ecológica: re-localização e reativação do espaço rural no litoral norte do Rio Grande do Sul. *Agrária*, n. 8, p. 23-48, 2008.
- GAZOLLA, M. e PELEGRINI, G. As experiências familiares de agroindustrialização: uma estratégia de produção de novidades e de valor agregado. *Ensaio FEE*, v. 32, n. 2, p. 361-388, 2011.
- GOODMAN, D. The quality “turn” and alternative food practices: reflections and agenda. *Journal of Rural Studies*, v. 19, n. 1, p. 1-7, 2003.
- GUZZATTI, T. C., SAMPAIO, C. A. C. e TURNES, V. A. Novas relações entre agricultores familiares e consumidores: perspectivas recentes no Brasil e na França. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, v. 16, n. 3, p. 363-375, 2014.
- ILBERY, B. e MAYE, D. Food supply chains and sustainability: evidence from specialist food producers in the Scottish/English borders. *Land Use Policy*, v. 22, n. 4, p. 331-344, out. 2005.
- MARSDEN, T., BANKS, J. e BRISTOW, G. Food Supply Chain Approaches: exploring their role in rural development. *Sociologia Ruralis*, v. 40, n. 4, p. 424-438, 2000.

- MORUZZI MARQUES, P. E., LE MOAL, M. F. e ANDRADE, A. G. F. DE. Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no Estado de São Paulo. *Ruris*, v. 8, n. 1, p. 63-89, 2014.
- NIEDERLE, P. A. Políticas de valor nos mercados alimentares: movimentos sociais econômicos e a reconstrução das trajetórias sociais dos alimentos agroecológicos. *Século XXI - Revista de Ciências Sociais*, v. 4, n. 1, p. 162-189, 2014.
- RENTING, H., MARSDEN, T. K. e BANKS, J. Understanding alternative food networks: exploring the role of short food supply chains in rural development. *Environment and Planning A*, v. 35, n. 3, p. 393-411, 2003.
- SCARABELOT, M. e SCHNEIDER, S. As cadeias agroalimentares curtas e desenvolvimento local: um estudo de caso no município de Nova Veneza/SC. *Faz Ciência*, v. 15, n. 20, p. 101-130, 2012.
- SCHNEIDER, S. e FERRARI, D. L. Cadeias curtas, cooperação e produtos de qualidade na agricultura familiar: o processo de realocização da produção agroalimentar em Santa Catarina. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, v. 17, n. 1, p. 56-71, 2015.
- SILVESTRE, L. H. A., RIBEIRO, Á. E. M. e FREITAS, C. DA S. Subsídios para a construção de um programa público de apoio à feira no vale do São Francisco, MG. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, v. 13, n. 2, p. 186-200, 2011.
- TRICHES, R. M., GERHARDT, T. E. e SCHNEIDER, S. Políticas alimentares: interações entre saúde, consumo e produção de alimentos. *Interações*, v. 15, n. 1, p. 109-120, 2014.
- TRICHES, R. M. e SCHNEIDER, S. Alimentação Escolar e Agricultura Familiar: reconectando o consumo à produção. *Saúde e Sociedade*, v. 19, n. 4, p. 933-945, 2010.
- WEBSTER, J. e WATSON, R. T. Analyzing the past to prepare for the future: writing a literature review. *MIS Quarterly*, v. 26, n. 2, p. xiii-xxiii, 2002.

DUARTE, Sthefane Cristina de Lima, Karim Marini Thomé. *Short food supply chain: estado da arte na academia brasileira. Estudos Sociedade e Agricultura*, outubro de 2015, vol. 23, n. 2, p. 000-000, ISSN 1413-0580.

Resumo: (*Short food supply chain: estado da arte na academia brasileira*). O surgimento das Short Food Supply Chains (SFSCs) é decorrente da crise enfrentada pelo modelo tradicional de produção e consumo caracterizado pelas cadeias longas. No Brasil, trata-se de tema emergente, e, apesar de não existir ainda uma homogeneização conceitual sobre as SFSCs, os conceitos usados indicam a proximidade entre produtor e consumidor. Assim, o objetivo deste artigo é identificar quais têm sido as abordagens e os enfoques adotados na literatura brasileira sobre SFSC, construindo o estado da arte dessas pesquisas. Para tanto, foi adotada a metodologia de revisão sistemática da literatura, na qual uma abordagem mais rigorosa e bem definida para a revisão da literatura em uma área específica é aplicada. O artigo contribui para a compreensão do panorama geral dos estudos sobre SFSC no Brasil, como e onde estão estruturadas as cadeias curtas estudadas no país e, ainda, quais as principais correntes teóricas estão estudando-as e quais vêm formulando sugestões de trabalhos futuros nesta área.

Palavras-chave: cadeias alimentares, cadeias curtas de abastecimento, cadeias alternativas.

Abstract: (*Short food supply chain: state of the art in the Brazilian academic literature*). The emergence of Short Food Supply Chains (SFSCs) is due to the crisis faced by the traditional model of production and consumption characterized by long chains. In Brazil, the SFSCs are an emerging topic, and although there does not yet exist a homogeneous conception, the concepts used indicate the proximity between producer and consumer. This paper aims is to identify what have been the approaches and the frameworks adopted in the Brazilian academy on the topic of SFSC, to build a “state of the art” of this research. For this it adopted a methodology of systematic review of the literature, in which a more rigorous and well defined approach for the review of the literature in a specific area is applied. The paper contributes to the understanding of the general panorama of studies on SFSC in Brazil, how and where the short chains studied in the country are structured, and also what are the main theoretical currents that are used to analyze SFSCs, and to conclude, what suggestions are have been formulated to guide future research in this area.

Keywords: food chains, short food supply chains, alternative chains.

Recebido em agosto de 2015.

Aceito em outubro de 2015.